



CAPITALISMO: A COMUNICAÇÃO NO SISTEMA ECONÔMICO CAPITALISTA.

Cristovam Lage da Silva
Eduardo Eilert de Paula
João Victor Cunha Ceia Ramos

“Economia frequentemente não tem relação com o total de dinheiro gasto, mas com a sabedoria empregada ao gastá-lo”.
(Henry Ford)

RESUMO: Ao longo dos últimos séculos, grandes pensadores e teóricos, cientistas, matemáticos, filósofos, antropólogos e estudiosos em geral tem, cada um, a partir de seu olhar, procurado entender as relações sociais estabelecidas em um sistema aparentemente econômico, mas que guarda em si relações profundas com o estabelecimento político da ordem social. Este sistema chama-se capitalismo. Já não é de hoje que o tema tem pautado os debates mundiais, mas suas características, tão flexíveis e adaptáveis aos mais diversos propósitos, ainda não foram plenamente explicadas ou entendidas. Pretende-se analisar, neste objeto de estudo, o desenrolar do capitalismo, enfocando a comunicação social.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação social, capitalismo, desenvolvimento do capitalismo, relações sociais.

ABSTRACT: Over the past centuries, great thinkers and theorists, scientists, mathematicians, philosophers, anthropologists and scholars in general have, each one from his eyes, been trying to figure out the social relations established in a system apparently economic, but that saves deep relationships of the political establishment of social order. This system is called capitalism. It is not today that the theme has underpinned global debates, but its characteristics, so flexible and adaptable to the most different purposes, have not yet been plenty explained or understood. Its intended to analyzy, in this study object, the develop of the capitalism, focusing the social communication.

KEYWORDS: social communication, capitalism, capitalism development, social relations.

1. INTRODUÇÃO

Como ponto de partida deste estudo, é estabelecido o cenário em que ocorre a evolução da comunicação social a partir das concepções do capitalismo, através de um resgate histórico-bibliográfico dos conceitos deste sistema econômico, buscando analisar a implementação dos meios de comunicação no Brasil, a partir de uma revisão bibliográfica de alguns conceitos pertinentes ao objeto de estudo escolhido.

No decorrer do trabalho busca-se entender características históricas que mais vão marcar a era globalizada em que vivemos, num mundo considerado pós-moderno, mas que ainda não conseguiu definir seus níveis de interação e integração social, a partir dos avanços tecnológicos, da expansão dos meios de comunicação, da mundialização da cultura, da releitura do capitalismo, entre tantos outros dilemas, que ainda não deram conta de estabelecer quem e como é a nova população do planeta.



2. REFERENCIAL TEÓRICO

O capitalismo, entendido aqui como um sistema socioeconômico em que os meios de produção são de propriedade privada e pertencem a uma classe social que entra em contraposição a outra, conforme Paul Singer, pressupõe alguns elementos essenciais:

1. O capital, como valor à procura de inversão lucrativa, inversão esta que pressupõe um mercado, uma demanda, uma necessidade virtual ou real que pode ser explorada mercantilmente;
2. A empresa, que movimenta este capital e se resume à unidade e seu propósito, isto é, o lucro;
3. A pluralidade de seu processo, uma vez que a produção e a distribuição são organizadas em múltiplas unidades autônomas, em constante competição pelos mercados,
4. A organização da vida cotidiana das pessoas em torno dos meios de produção e de mercado.

Se seguirmos o pensamento do economista e sociólogo Paul Singer, a economia de mercado é muito antiga e desde sempre as sociedades têm organizado sua vida econômica sob a forma de produção de bens intercambiáveis.

No caso da sociedade campestre, a economia de mercado se dava, do ponto de vista econômico, através das corporações de ofício, entidades formadas por produtores de um mesmo tipo de produto, que tinha como objetivo regular o limite da produção, fixando o número de unidades a serem produzidas e o número máximo de trabalhadores a serem utilizados em cada unidade.

Esta economia de mercado, a qual Paul Singer se refere como existente durante a Idade Média é considerada como a base sobre a qual se desenvolveu o que conhecemos hoje como capitalismo.

Seu processo evolutivo é dividido pelo autor em três fases:

1. O capitalismo manufatureiro, que começa no século XVI, resultante das grandes navegações que estabeleceram a interligação marítima entre todos os continentes, provocando o surgimento de um mercado mundial unificado, que proporcionava ao capital não só um avanço territorial, mas também um avanço econômico. Entre os séculos XVI e XVII, com as corporações de ofício, muitas vezes ligadas à nobreza local. Deste conflito, surgem as nações modernas, politicamente



dominadas pelo poder nacional e economicamente unificadas pela abolição das barreiras ao comércio interno e pelo fim das moedas e medidas locais.

De uma forma geral, o avanço do capitalismo [foi] lento e gradual, muito dependente do apoio político [...] No século XVIII sucessivas guerras resultam no triunfo da Grã-Bretanha sobre seu maior rival, a França. Em consequência, o capitalismo manufatureiro alcançou maior desenvolvimento na Grã-Bretanha, criando as condições para a Revolução Industrial que aconteceu logo a seguir. (SINGER, 1991, pág. 12)

Sua principal característica era o mercantilismo, e sua estratégia de expansão baseava-se na unificação do mercado nacional e sua dominação mediante o monopólio político. É também nessa fase que começa a ser organizado o modo de produção.

2. O capitalismo industrial, que tem início na Grã-Bretanha, no último quartel do século XVII, a partir da Revolução Industrial, inspira-se no liberalismo e requer a unificação de todos os mercados locais e nacionais, estabelecendo a competição livre. Neste modelo, o capitalismo admite a intervenção do Estado no mercado.

3. A terceira fase é marcada pela transformação da economia de mercado em economia capitalista, que passa a abarcar e prover parte das atividades econômicas desenvolvidas à época.

O período do segundo pós-guerra, no século XX, assiste a uma elevada e sistemática ampliação da intervenção estatal na economia. Este padrão intervencionista assume duas características principais: a expansão e a generalização dos mecanismos de garantia de renda, expressa nos sistemas de transferências; e um envolvimento crescendo do Estado, direto ou indireto, na produção de bens e serviços (Welfare state).

A partir do final dos anos 70, os Programas de Privatização (PP) surgem como uma posição predominante na estratégia das políticas econômicas de um grande número de países capitalistas. Paul Singer faz questão de enfatizar que este processo levou o capitalismo a assumir muitas de suas características atuais, como, por exemplo, o dinamismo tecnológico, a centralização do capital e a generalização (ou globalização) da economia. Mas, o autor chama a atenção para uma importante característica do capitalismo: a instabilidade e a sucessão de crises – o chamado ciclo de conjuntura – que marca esse sistema econômico desde o começo do século XIX, o que vai lhe dar a necessidade de flexibilidades, possibilitando sua adaptação constante, chegando ao neoliberalismo, desencadeado no final da década de 80 do século passado.



O capitalismo, enquanto modo de produção, não existia no Brasil até 1888. Durante os três séculos como colônia, e mesmo na maior parte do primeiro século após a Independência, o modo de produção dominante no país era o escravismo colonial, ao lado de uma ampla economia de subsistência. No entanto, a colonização portuguesa do território brasileiro colaborara imensamente para a constituição de um mercado mundial, origem do capitalismo manufatureiro europeu. No entanto, o Brasil daquela época ainda carecia de um mercado interno que absorvesse a produção capitalista.

Somente na segunda metade do século XIX é que se inicia um processo de substituição de importações industriais. É também na segunda metade do século XIX que surgem as primeiras organizações sindicais no Brasil, ainda num contexto de economia agroexportadora. A industrialização estava então subordinada aos interesses hegemônicos da agricultura, dirigida ao mercado externo.

A partir da Revolução de 1930, o Estado deixa de depender do latifúndio e se estabelece, então o fim deste tipo de dominação. O governo, liderado por Getúlio Vargas, preocupa-se em defender a agroindústria açucareira do nordeste e a cafeicultura paulista, mas também procura garantir os interesses do capital industrial e até mesmo do proletariado industrial, criando o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Em 1937, com a instauração do Estado Novo, aumenta o peso político do governo e, a partir deste momento, o Estado passa a participar diretamente do processo de industrialização. A partir daí, e até 1964, a hegemonia capitalista brasileira se consolida e importantes setores da economia são entregues pelo Estado ao capital estrangeiro.

Joísa Campanher Dutra diz que, no Brasil, a partir dos anos 50, intensificou-se a participação do Estado na economia, com o objetivo de alavancar a industrialização do país, rumo ao monopólio estatal. Assim como no resto da América Latina, o fenômeno ocorreu sob uma forma específica, marcado pela abundante utilização dos recursos disponíveis no circuito financeiro internacional.

A autora explica que, durante o Governo Juscelino Kubitschek, entre 1955 e 1961, consolidou-se o tripé econômico que sustentará o mercado brasileiro, formado pelo Estado, pelo capital nacional e pelo capital internacional, propiciando o aprofundamento da acumulação de capitais. Este processo gerou uma característica que deu origem a dois aspectos importantes: a aceleração inflacionária e o desequilíbrio na balança comercial, gerando o aumento das dívidas externa e interna, em função do atraso e da sua falta de pagamento.



Em 1964, emergiu um novo regime político. Entre 1968 e 1973, o Brasil experimentou altas taxas de crescimento e este período ficou conhecido como o do milagre brasileiro.

Na segunda metade dos anos 70, a Reforma Administrativa deflagrada pelo regime militar levou ao limite esse traço descentralizador/desagregador, ao postular a autonomia empresarial como palavra de ordem. A partir de 1974, com a crise do capitalismo internacional, iniciou-se um processo de desaceleração da economia brasileira.

Com o aumento da crise interna e externa, ao longo dos anos 80, à medida que ficava clara a impossibilidade efetiva de pagamento da dívida externa, os Planos de Privatização foram sendo impostos, principalmente nos países da América Latina.

Durante o governo Collor (1989), vários fatores influenciaram profundamente a organização dos trabalhadores brasileiros. Conforme Pedrosa, entre eles estão “[...] o impacto dos planos econômicos sobre os salários; as consequências sociais, políticas e econômicas da estratégia de redução do papel do Estado [...]”.

A partir de 1995, com o início do governo de Fernando Henrique Cardoso, maior prioridade ainda é conferida à privatização.

Conforme procuramos demonstrar até aqui, a evolução do sistema capitalista teve, entre outras, duas consequências fundamentais para este estudo: a criação das comunidades industriais urbanas (vilas operárias) e a evolução dos processos tecnológicos de comunicação. Ambas, com a evolução sócio-histórica do sistema econômico capitalista, acabaram por se tornar os pilares necessários para a constituição da sociedade ocidental contemporânea neoliberal, principalmente em países de Terceiro Mundo. Em função disso, estudos desenvolvidos por pesquisadores das mais diversas áreas têm procurado entender a influência da comunicação neste processo. Por exemplo, no final do século XVIII, já encontramos, no pensamento do economista e matemático Adam Smith (1723-1790), na obra *Uma Pesquisa sobre a Natureza e as Causas das Riquezas das Nações*, lançada em 1776, a ideia de que a comunicação contribuía para a organização do trabalho coletivo no interior da fábrica e na estruturação dos espaços econômicos. Divisão do trabalho e meios de comunicação (estendidos então como vias fluviais, marítimas e terrestres) fazem parte de um momento histórico que, na Inglaterra, por exemplo, começa a delinear-se com a I Revolução Industrial. Já na França, fundamentalmente agrícola naquele momento, a visão de comunicação está intrinsecamente ligada ao vetor do progresso e realização da razão. Por consequência,



surge a noção de fluxo, uma tentativa de justificar a necessidade de um mercado livre, no qual a circulação de bens e produtos pudesse se auto-regular, através da demanda de mercado.

Nas décadas de 60 e 70, a guerra fria também é o cenário para a consecução de outros fenômenos sociais como, por exemplo, a polarização provocada por dois sistemas de governo, o capitalista e o socialista que resulta na comunicação internacional e na reflexão sobre as novas tecnologias de informação e comunicação desenvolvidas no âmbito militar.

A confluência da utilização da tecnologia de ponta, envolvendo estratégias de comunicação e informação, para garantir a vitória dos Estados Unidos sobre o continente asiático, e a crescente privatização do espaço público, principalmente em território norte americano, provoca a preocupação com o chamado imperialismo cultural.

Um segundo foco da economia política da comunicação surge na Europa nos anos 70: são as indústrias culturais, que acabam por ocupar um lugar central no mundo internacionalizado.

A convergência tecnológica propicia o surgimento de uma nova sociedade: a sociedade da informação, graças ao novo mundo global de regulação social, onde o sistema das organizações recria a ágora informacional, ligada a uma ideia de nação moderna.

Nos anos 80, a problemática das indústrias culturais ganha realidades acadêmicas diversas, uma vez que o conceito de sociedade de massa, associado ao de comunidade de massa começa a caracterizar a sociedade trabalhada pelas tecnologias de informação e comunicação.

3. METODOLOGIA

Neste estudo foi utilizada a pesquisa exploratória, que é vista como o primeiro passo de todo o trabalho científico. Este tipo de pesquisa tem por finalidade, especialmente quando se trata de pesquisa bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto. De um modo geral, esta pesquisa constitui um estudo preliminar ou preparatório para outro tipo de pesquisa. Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, muitas vezes ela assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. Escolhemos a pesquisa bibliográfica já que



esta procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos é feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade tem desde sempre organizado sua vida econômica sob a forma de produção de bens intercambiáveis, e é possível, através do exemplo dado por Singer, visualizar uma base do capitalismo na sociedade camponesa durante a Idade Média.

O desenvolvimento do capitalismo passou por três fases até chegar ao que é hoje. A fase do capitalismo manufatureiro, do capitalismo econômico e a transformação da economia de mercado em economia capitalista. Sendo a primeira responsável por estabelecer uma interligação marítima entre os conceitos fazendo assim surgir um mercado mundial unificado que proporcionava ao capital um avanço territorial e econômico. A segunda fase, de liberalismo econômico, que pressupunha a liberdade do indivíduo enquanto cidadão, produtor e consumidor. E a terceira e última fase, que se caracterizava pela eliminação das barreiras institucionais à livre concorrência e a hegemonia do capital é consequência da mesma.

O surgimento de vilas operárias e a evolução da tecnologia da comunicação, junto com a evolução sócio-histórica do sistema econômico capitalista acabaram por se tornar essenciais na construção da sociedade ocidental, principalmente em países de terceiro mundo. A comunicação auxiliava na organização no interior da fábrica e na estruturação dos espaços econômicos e posteriormente passou a ser indispensável em qualquer lugar do mundo. Assim como em muitas outras áreas, foi durante a guerra fria que muito se evoluiu em relação a tecnologia de informação e comunicação, primeiramente para fins militares e posteriormente para a sociedade.

REFERÊNCIAS

LAGE, Louise. **O uso da comunicação e o capitalismo**. PUCRS, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1997.



REVISTA ELETRÔNICA



SINGER, Paul. **O capitalismo: Sua evolução, sua lógica e sua dinâmica.** São Paulo: Moderna, 1991.